GUIMARÃES
(Candoso)

A freguesia de Candoso pertence ao concelho de Guimarães, distrito de Braga, e dista cerca de 5 km a sudoeste da sede de concelho. Saindo de Guimarães seguir pela avenida Dom João IV, rua Eduardo Manuel de Almeida, N105 para a rua de Santo Amaro. Seguir pela rua de Sezim e São Martinho em direção ao largo da igreja. Virar à esquerda para o Largo da Igreja encontrando-se a igreja de São Martinho do seu lado direito.

Esta freguesia era já cruzada pelos itinerários romanos, nomeadamente a via que seguia de Guimarães para Freixo, passando na Ponte do Arco de Vila Fria. A antiga freguesia era curadoria da apresentação da colegiada de Valença no termo e comarca de Guimarães e, mais tarde, passou a reitoria. Carvalho da Costa, em 1706, acrescenta que nesta freguesia havia uma torre, chamada Torre de Candoso.

Igreja de São Martinho

A IGREJA DE SÃO MARTINHO DE CANDOSO, originariamente cabeça de freguesia rural, encontra-se hoje numa área que se pode definir como periurbana da cidade de Guimarães. Apesar de persistirem parcelas que indiciam a tradição rural da freguesia que, no século XVIII ainda produzia vinho, milho, centeio e feijão, a igreja está hoje rodeada por habitações, edifícios públicos e unidades fabris, sendo a freguesia envolvida pela autoestrada A7. O acesso à igreja é feito através de um pequeno adro, precedido por uma escadaria. A sua situação elevada, permite disfrutar de uma vista panorâmica sobre Guimarães e a Penha.

A primeira referência à vila de Candoso, ou *Candanoso*, data da primeira metade do século X, mais precisamente de fevereiro de 926, estando mencionada na doação que Ramiro II fez a Hermenegildo Gonçalves e a sua mulher Mumadona Dias da vila de Creixomil. Um documento de agosto de 1014 volta a referir-se ao *mandamento de Candanoso*.

A existência de uma igreja nesta freguesia está comprovada desde 1043, segundo documento citado por Avelino de Jesus da Costa, onde se lê *in villa nunccupata Candanoso* [...] *cum ecclesia Sancti Martini*. Conforme inscrição que adiante se descreverá, a igreja poderá ter sido concluída em 1172.

A vila de Candoso é novamente referida num documento de 1053, pelo qual diversos herdadores celebram um acordo com o mosteiro de Guimarães relativo a diversas propriedades. Cinco anos mais tarde, em 1058, a vila de *Candanoso* é novamente mencionada; no entanto, o documento refere-se apenas à igreja de Santiago e não à de São Martinho. No ano seguinte, em 1059, o inventário de bens que Fernando I de Leão doa ao mosteiro de Guimarães reporta-se ao *mandamento de Candanoso per suos terminos antiquos cum villas et ecclesias*, sugerindo existir mais do que uma igreja no local.

Nas Inquirições de 1220, é declarado que o rei tinha na freguesia sete casais, que lhe davam a terça do pão e metade do vinho. O rei tinha também direito a receber fossadeira, tomando aí voz e calúnia. Porém, não era o patrono da igreja, mas também não é indicado quem o seja. A igreja de São Martinho tinha, na freguesia, searas e dois casais. Já nas Inquirições de 1258, o inquirido Martinho Peres declarava que a igreja de São Martinho de Candoso era de João *Curracus* e dos seus familiares, e que o rei não detinha aí qualquer direito, nem recebia qualquer foro. Dos 27 casais existentes na freguesia, oito são da referida igreja, que aí recebia voz e calúnia. A igreja de São Martinho de Candoso surge referida no Censual de Braga de meados do século XIII.

Em 1320, a igreja de São Martinho de Candoso, na chamada Terra de Guimarães, era taxada em 140 libras, na contribuição para a Cruzada.

Orientada, a igreja de São Martinho de Candoso é constituída por uma nave única e capela-mor retangular. A torre sineira adossa-se, a sul, à fachada principal. Deste mesmo lado da igreja, e comunicando com a cabeceira, dois corpos, um deles cumprindo as funções de sacristia. Edificada em aparelho pseudo-isódomo, a igreja, com cobertura de duas águas, assume o escalonamento de



Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste



Alçados este e norte

volumes característico da arquitetura da época românica, com a capela-mor e a sacristia mais baixas que a nave.

A fábrica de Candoso e a contenção do arranjo dos vãos confirmam-nos a persistência de um modo de construir que ultrapassa a cronologia em estudo. A ausência de fresta na parede fundeira, os janelões quadrangulares do alçado sul da nave ou do alçado norte da cabeceira, e os portais de verga reta reportam-nos para transformações posteriores à época românica, talvez realizadas durante a época moderna. Contudo, esta transformação, que seguramente ampliou o templo ou o transformou para dar resposta a novos preceitos litúrgicos, resulta da apropriação de materiais originários da fábrica românica, que uma análise atenta do aparelho da igreja permite confirmar. É no alçado sul da torre sineira que o desajuste entre as fiadas é mais evidente.

Na cabeceira, identificamos uma pequena cicatriz no aparelho da parede fundeira e que indicia uma elevação da sua altura. Em ambos os alçados persistem interessantes cachorros de feição românica, uns com focinho de animais, outros ornados com motivos geométricos como o toro ou as meias esferas. De notar que há um representando um rosto humano. Contudo, atendendo ao seu traço e à raridade do tema entre nós, julgamos resultar de uma intervenção posterior.

Na nave os cachorros são lisos e de secção quadrangular, muito embora o cachorro que se encontra mais próximo da cabeceira apresente a configuração de um focinho de animal. O paramento apresenta algumas irregularidades ao nível do seu alinhamento. No alçado norte, junto do portal, à sua esquerda, existe uma inscrição comemorativa da conclusão do templo românico, gravada ao longo de quatro silhares. Segundo Mário Barroca, a inscrição data de 22 de janeiro de 1172. Este autor propõe a seguinte leitura:

XI° KaLendas Februari ERA Mª CCª Xª MIQUIZ ODORIO EM(eriti)Z

Segundo este historiador, é provável que a inscrição se encontre no seu local de origem ou mantenha uma posição idêntica à original pois os silhares mantêm o alinhamento em toda a inscrição. Tendemos mais para a primeira hipótese pois, uma análise atenta permite identificar uma alteração ao nível do aparelho da nave, sensivelmente a meia altura, onde persistem mísulas que terão sustentado uma estrutura alpendrada. As frestas que iluminam o interior da nave são muito estreitas.

O portal norte, inscrito na espessura do muro, apresenta uma configuração muito contida e difícil de datar pois o seu arco envolvente inscreve-se na espessura do muro, apoia-se sobre os pés direitos e não apresenta qualquer motivo decorativo. O tímpano do portal é liso e apoia-se já sobre lintel, pelo que poderá resultar de um arranjo posterior. Além do aparelho, na fachada principal não persistem elementos da época românica. O portal é de verga reta e sem qualquer elemento decorativo e, sobre este, rasga-se uma pequena janela gradeada retangular, reportando-nos já para uma outra cronologia.



Alçado Sul. Cachorros da cabeceira



Alçado norte. Portal. No pé direito, no lado esquerdo do observador, a inscrição da conclusão do templo românico no ano 1172



Interior. Pormenor do arco triunfal

Com cobertura em madeira, a cabeceira não apresenta vestígios da época românica dignos de nota. Contudo, a persistência do arco triunfal, o mais significativo vestígio da época românica nesta igreja, altera a relação que a abside mantém com a ampla nave pelo facto de este ser bastante fechado, encerrando assim o espaço da ousia. Trata-se de um arco de grande qualidade escultórica, compondo-se de duas arquivoltas inscritas na espessura do próprio muro e assentes diretamente sobre os pés direitos do muro, o que confirma a cronologia avançada da sua conceção. A gramática decorativa do conjunto é caracteristicamente românica: na arquivolta exterior um motivo fitomórfico que compõe uma espécie de cadeias, perpendiculares às aduelas, e na arquivolta interior o tema das lanças floridas, segundo identificação feita por Joaquim de Vasconcelos em 1918. Um toro remata o conjunto. Nas impostas vemos o motivo, de origem bracarense, do coração invertido e, sobre um conjunto, um friso enxaquetado que se desenvolve por todo o muro envolvente do arco triunfal. Um nicho, abocinado, rasga-se sobre o arco, alinhado com as chaves das aduelas. A sua configuração é idêntica à das frestas que iluminam a nave principal. Aqui destaca-se o granito aparente da igreja, com todas as suas cicatrizes que confirmam as transformações sofridas pela igreja.

Do templo da primeira metade do século XI subsiste um capitel pré-românico, adaptado a pia de água benta e colocado junto do portal norte, à direita do observador. De calcário, é formado por três registos de folhas de acanto. Esta igreja encontra-se classificada como Monumento Nacional desde 1910. Atualmente é igreja paroquial e está afeta ao culto.

Texto: MLB/JL - Fotos: TC

Bibliografia

ABREU, A.R., 2009, pp. 43-65; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 143 (de 1172); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 165 (de 1172); BOISSELLIER, S., 2012, p. 151; COSTA, A., 1929-49, IV, pp. 528-529; COSTA, A.C., 1706-12, p. 107; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 249-250; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, I, p. 222; GEPB, 1935-60, V, p. 716; LMUMADONA, doc. n.º 2 (de 1058), doc. n.º 9 (de 926), doc. n.º 42 (de 1053); doc. n.º 45 (de 1059), doc. n.º 46 (de 1014), doc. n.º 59 (de 1043), PINA, L., 2020; PMH, INQ., pp. 7, 80, 171, 214 (de 1220) e 706 (de 1258); SIPA; VASCONCELOS, J., 1918; VIAS ROMANAS EM PORTUGAL.